



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 372 — Preço 1\$00
14 DE JUNHO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

Uma rapsódia

(Cont. do núm. anterior)

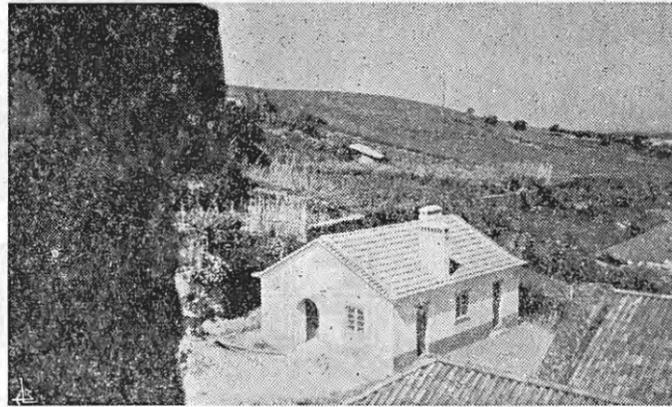
Mais do que eu mais gostava era do irmão jardineiro. Tinha sido um homem como uma tranca e ainda hoje, à beira dos 80, é muito robusto. Logo de manhã cedo, vinha para o jardim, com migalhas na manga do hábito. Sentava-se num banquito que arrastava consigo à maneira que ia picando os canteiros e logo aparecia um pisco muito garoto que picava a par dele. O frade tirava migalhas da manga e atirava-as ao pisco. Este olhava para as migalhas, olhava para o frade, dava-lhe uma grande risada e continuava picando a terra. — «Pateta, és um grande pateta; és mesmo um patetinho», respondia o fr. Bernardino, e assim picavam os dois os lindos canteiros do jardim.

* *

E que dizer dos meus mestres, dos meus grandes mestres que, sem saberem teologia, me ensinaram muita da que hoje sei. O mais velho era do Alqueidão e andava às voltas com os

80. Era o dispenseiro. Alto, severo, penitente, nunca falava a não ser por necessidade, mas comigo falava muito e muitas vezes, e deixava que eu lhe fizesse festas. Era muito meu amigo, muito meu amigo. Nos dias em que me calhava lavar a louça do convento, obtinha licença para o ajudar a limpar os pratos. Ele eseu ainda mais. Tomávamos a toalha e íamos passando por ela a rido mestre transformalouça. Então o meu queperava-me, contente e va-se; animava-se. Perdia aquele tom de severidade e dizia-me com inefável ternura: «irmão frei X, tudo quanto fizer faça-o por amor de Deus. Tudo, tudo, seja o que for». E não dizia mais nada. Ao despedir-me, procurava beijar-lhe a manga do hábito. Ele dizia-me sempre: «Isso nunca, sou frade leigo». E eu ia: «Irmão, é por amor de Deus!» Daí a nada tocava para vésperas.

Frei Junípero



Vialonga—que eu saiba, foi aqui o primeiro Calvário Paroquial.

A procissão continua. Continua sempre até às «tantas quantas», de Pai Américo, em que não sejam precisas mais por não haver uma família sem lar.

Há um pormenor nesta coluna que já tenho sublinhado e não me canso de o fazer: É o carácter habitual dos presentes. Tirando os que deixam demasias de pagamentos ao jornal ou às oficinas, são poucos os que aparecem transeuntemente. A grande maioria vem uma primeira vez e toma-lhe o gosto; e volta com frequência quase sempre com o desejo de chegar a uma casa, o que, dada a modestia das suas condições, é uma afirmação de Fé e de Esperança, vivificadas pelo amor fraterno.

Ora isto é muito importante no seio de uma sociedade que se tem por cristã e se julga desquitada das suas obrigações com a missa dominical, umas novenas, umas esmoladas avulsas e às vezes sem critério e não tomou ainda consciência da sua responsabilidade constante no alargamento do Reino de Jesus e na implantação da Sua Justiça.

Lembram-se da parábola do Bom Samaritano? Uns ladrões assaltaram um homem e deixaram-no ferido à beira dum caminho. Ninguém hesita: Os ladrões foram pecadores. E depois pas-

e apresenta-nos um amigo a quem faz repetir igual gesto. Mais 65\$ para amêndoas. Da Av. Fontes Pereira de Melo mais delas e 500\$.

Há nomes costumados neste cortejo. O de Luisa, agora com 20\$, é sempre certo. J. P. R. S. com 200\$ para a Páscoa dos gaiatos. Dois dinamarqueses tornam este ano com dois pesados embrulhos de amêndoas.

Mais quatro sacos de pão na Estrela. Os empregados da secção de Operações da Sonap cotizaram-se com 147\$50. Um amigo do Snr. Padre Carlos com 50\$ e visitante com 70\$. Outros com —————Cont. na pág. TRÊS

O que nos dão no Tojal

E o mérito alcançado? Esperemos o dia claro.

Neste rol de coisas vão desfilar agora a esmo as «amêndoas» da Páscoa. Na vanguarda, um suíno alentejano já arranjado. Uns com pacotes das suspiradas amêndoas, outros com o quê para as adquirir, há muita gente a marcar o ponto. Um senhor da R. Buenos Aires entrega-nos 500\$

Aqui há dias, uma senhora da capital quis desfazer-se dum jóia de raro quilate e veio confiá-la à Obra da Rua. Trata-se dum bela peça de ourivesaria com rubis e diamantes. Raras vezes o valor material se casa tão bem com a beleza e a discrição. A oferta em si mesma é valiosa; porém, a renúncia a tão prestimoso objecto é muito mais ainda. Se nós fôssemos de cartazes e exposições havia de colocar esta jóia bem à vista, para que o mundo da vaidade conhecesse o acto de renúncia que aquela representa. Doloroso por certo. Mas quem adivinha a alegria subsequente?

mos culpados, sem dar fé, por deformação da nossa consciência?...

Ora estes perseverantes na procissão, já entenderam toda a profundidade e extensão dos seus deveres. A Caridade é um hábito. Não se realiza de uma vez só. Mantem-se e desenvolve-se na repetição de actos da mesma espécie. Quem hoje fez o bem, fez bem! E amanhã e depois..., deve fazer o mesmo.

Descubramo-nos pois à passagem destes trabalhadores invictos em sua constância: O Pessoa da HICA com 2.007\$40; os empregados do Banco de Angola com 222\$50; a «Candidinha e seu Pessoal» com 400\$; e a gente de trabalho da Rua do Almada (entre Clérigos e Rua de Ceuta) com 9.900\$.

Logo a seguir os das casas «a prestações». É a Maria Luisa que, com mais 100\$, passa este tanto dos 2.000. E o assinante 6.790 com a 25.ª prestação de 50\$. E «Zé Ninguém» que volta:

«Zé Ninguém volta com a 4.ª prestação de 1.000 escudos das doze que ambiciono mandar em cumprimento dum promessa para uma casinha do Património.

Tenho de lutar muito mas faço-o com muita satisfação, não calcula a alegria que sinto quando —————Cont. na página QUATRO

Agora

saram pelo ferido sacerdotes e levitas, que não lhe fizeram mal nenhum..., nem bem, deixando-o ficar, ferido como estava, na bermã onde caíra. E estes não foram pecadores? A Lei Nova, a que Cristo trouxe ao mundo não proíbe só o mal; impera o bem: «Farás aos outros o bem que querias para ti».

Não haja dúvida sobre o pecado daqueles que passaram pelo ferido e o deixaram. Como eles, de quantas omissões sere-

PRESENÇA

O Dom da Paz!

«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não como o mundo dá, eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração, rem tema».

A Paz de Cristo brota de dentro para fora. Nasce nas almas em Graça; das consciências na Justiça. Não se pode comparar a um charco de água parada, podre e pestífera. É em cada momento o triunfo da luta, incessante para todo o homem que vem a este mundo, entre o pecado e o Bem, o «eu» e a célula do Corpo Social, que Jesus chefia e o Espírito Santo anima.

A Paz não é produto da inércia, nem ente de razão. A Paz, a de Cristo, enraizada nos corações em Graça, é fruto da Justiça. «É a tranquilidade na ordem» — assim a definiu S. Tomás de Aquino. A ordem é, portanto, a condição ambiental em que a tranquilidade é Paz. Mas a ordem não é, a Paz, como às vezes se confunde ou faz confundir! A tranquilidade é algo de muito mais íntimo; de ordem superior; da mesma espécie da Paz. Bebe a sua seiva da graça que mora nas almas dos justos. A tranquilidade é, também, fruto da Justiça.

A Paz não sofre transigências; não pactua com quem ou com o que, não sendo por Cristo, é contra Ele. Que o nosso Deus é exigente! «Vomita os tíbios». Repugna o embuste. Ele é a Verdade!

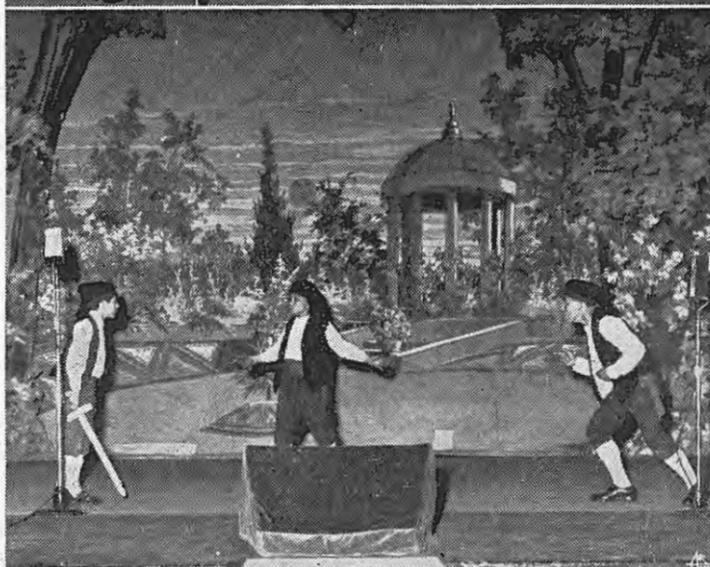
Não vale pois a pena iludi-lo, que é iludirmo-nos. A Paz não se fabrica nem se inventa. É rebento da Justiça, transplantado para os corações em Graça. E destes, circulando entre eles, torna-se a Paz Social própria do Reino Social em que se dá a Cristo o Seu lugar de Rei.

Se os homens esperam de outro que não Ele outra boa nova de salvação, que não o Seu Evangelho, os homens irão entre-tendo tempo, fabricando pazes fictícias inventadas por suas imaginações soberbas. Mas jamais encontrarão a Paz.

«Disse-vos estas coisas, para que tenhais paz, em Mim. Sofrereis pressões no mundo, mas confiai: Eu venci o mundo».



A NOSSA FESTA



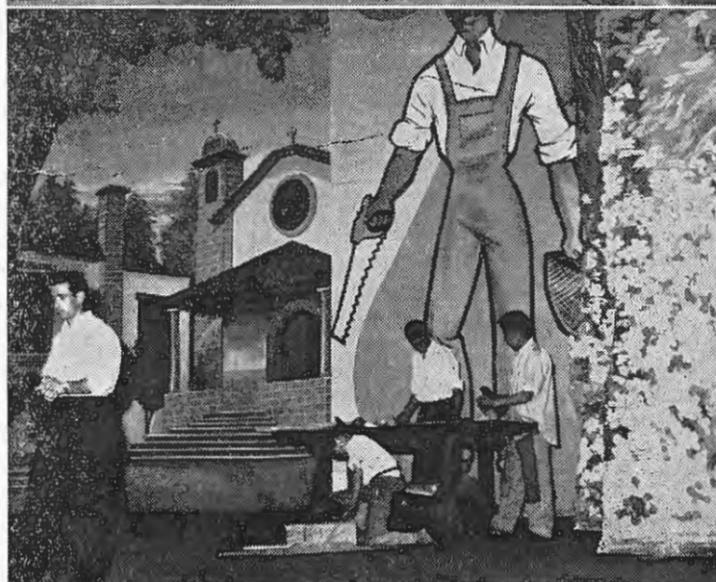
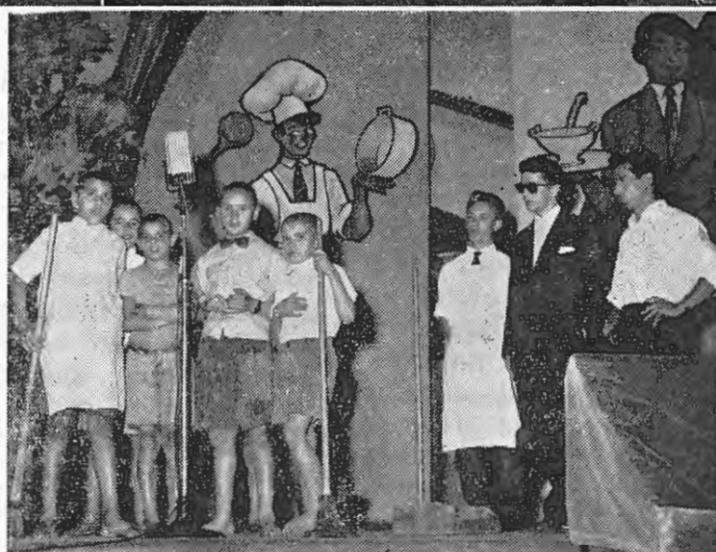
Como os senhores não puderam ir todos ao Coliseu, nós mostramos aqui mais ou menos como foi.

Manuel Bucha refila ao chefe da sapataria por ser sempre ele a levar a saca do calçado. Sarcinha e Chico, de Miranda, dispoñdo bem toda a assistência. Os cozinheiros dão a provar o caldo sintético. Alfaiates e os colarinhos dos «pipis»! Ferro, ferreiros e muita conversa. Os do Tojal cheios de queda. Refeitoreiros e o seu barulho. No carpinteiro trabalha-se e às vezes também se faz cera. Malta de Setúbal aqui está prás curvas. Tudo em festa!

Se soubessemos escrever. Se tivéssemos o dom de nos explicar, teceríamos um elogio sem igual à cidade do Porto. Um canto de louvor a essa tão boa gente que nos traz no seu peito, cobertos de mil carinhos. Havíamos de dizer o que foi a nossa festa e de quanto esse Porto, tão grande como nobre, nos ama.

Porém, como infimo pigmeu, daremos algumas notas, para que os leitores que não puderam ir ao Coliseu, saibam e vivam o que foi este grande dia, em que nos apresentamos pela primeira vez, sem a presença física de Pai Américo, mas era bem viva e sentida a sua presença ali, no meio daquele povo, que era e continua a ser a menina dos seus olhos. Foi do meio deste mesmo povo, que se fez ouvir o seu último suspiro de Pai aflito, no Céu. Foi aqui que deixou de ser o dilacerado, para receber o prémio dos Justos.

Cont. na página 3



NO COLISEU

A nossa festa no Coliseu do Porto

Porque somos tão queridos e amados pelo Porto? Não é necessária a resposta. Já foi dada há muito e tem vindo a ser mais pronunciada nos últimos tempos.

Casa cheia. Tudo isto para ver transformados em ridente flor, os que dantes eram as nódoas dos antros de podridão, lugares repugnantes, de trevas e de pecado, transformados em oiro forte, que são esperança da pátria presente. O Porto ama-nos porque não tem o coração vazio. Ama de verdade. Também sou um dos muitos tirados do turbilhão confuso, e hoje me sinto feliz ao ver o carinho que dedicais a todos os que têm aparecido no palco. Os alfaiates, tipógrafos, sapateiros, miudos da lenha, batatas, o marão, tudo. Nas pequeninas cenas. O cantar dos do orfeão, que vos faziam vibrar as cordas do coração e vos faziam dizer em uníssono: Presente! Nós estamos aqui convosco. Sois carne da nossa carne!

Que quentes não eram as tuas palmas para o Chico, Sardinha, Ramada, Cândido, Tomar, Manuel Bucha, Planeta, Fulestreca e todos os das outras Casas do Gaiato que pisaram o palco do Coliseu, com a sua simplicidade sem artifícios. Tudo em tom natural. E tu rias, vibravas, aplaudias e vinham-te à mente as palavras: Bendito seja Deus.

O visitante e o cicerone, dirigem-se à carpintaria:
— Qual é o chefe?
— Este rapaz, chama-se Oscar.
— Que trabalhos fazem aqui?
— Todos e mais alguns. E o que ultimamente mais se tem feito são socas. Todos os dias há encomendas. Vai a madeira toda para socas. Já avisei os rapazes, mas não adianta nada.

— E tu como te chamas, meu menino?
— João Evangelista.
— E o teu apelido?
— Ah, sou o *Cobra*.
— De onde és?
— De V. N. de Gaia, da Serra do Pilar.
— Quantos anos tens?
— Tenho onze. Faço amanhã doze.
— Tens mãe?
— Sou filho da Virginia Louceira.
— E pai?
— Isso não senhor.
— Oh coitadinho... gostas de aqui estar?
— Ai não, ainda vou ser um homem.
— Quem são os teus amigos?
— Tenho alguns, mas outros são traiçoeiros...
— Queres ir embora comigo?
— Ah, ah, ah! Não vou nisso!

Depois passam ao refeitório. É o lugar das grandes desordens. O comer é o motivo de muitas revoluções!

— Se deitas lixo para o meu lado, comes na fussa...
— Olha pró tipo! Tem a mania...
— Não sou de muita conversa, já disse...
— Mas não tenho um eito maior do que o teu?

Cont. da pág. anterior

— Só duas tabuitas a mais.
— Pois, mas ao fim já é muito.
— Pouca conversa. Não quero mais paleio.
— Se me bateres vou-te acusar que foste ao açúcar.
— E tu não foste ao leite?
— Mas tu tiraste o conduto.
— E quem foi ao bacalhau e ao vinho?

Mas como nós somos uma desordem organizada tudo acaba bem e lá vão eles cantar:

Nossa Aldeia é tão linda,
Como berço de encantar.
Quando a luz do dia finda,
Beija-a o lindo luar.

Em casas multicolores,
Num canto cheio de côr.
Se fazem trabalhadores,
Em sinfonia de Amor!

E assim se leva a rir,
O grande peso da Cruz,
P'ra irmos todos dormir,
Nas palhinhas com Jesus!

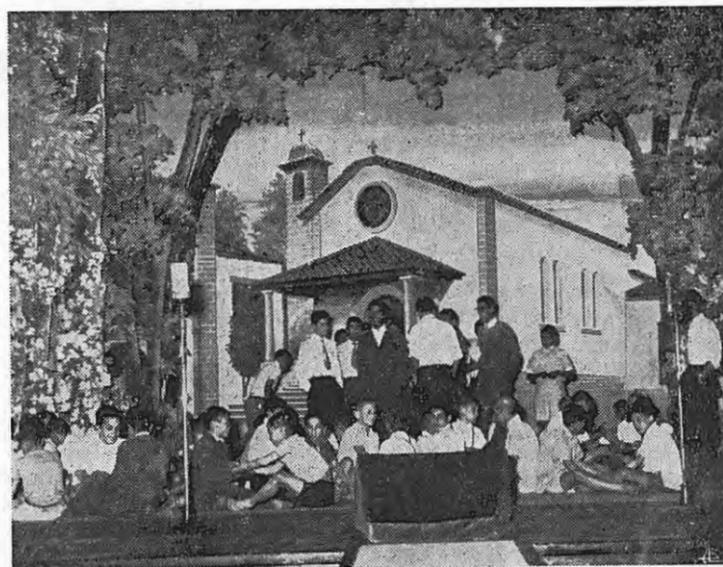
Que reais eram os quadros que foram apresentados. A vida, como na realidade ela é. Uns descalços. Outros calçados. Uns todos tirones. Outros com a fralda de fora, jogando a sardinha. Os arcos e ganchetas, as rodas... O nosso terço. O chefe a dirigir. Os dos terreiros, mai-las vassouras. Alguns aferroados a sério, pois antes queriam estar cá fora do que no palco. E o Sr. Padre Carlos a distribuir puchões de orelhas cá atraz. Pena foi que estivessem as cortinas à frente, pois era outro espectáculo inédito e de grande sabor. O chefe à rasca. Sr. Padre Manel aflito. A distribuição da merenda. Uns tinham dois bocados. Outros nada. E esteve mesmo para haver molho. As coisas estiveram mesmo torcidas de todo...

Dnas partes distintas de nma só festa. Uma festa mesmo à gaiato e ao sabor dos tripeiros. Todos estavam contentes. Se sentiam felizes e provaram que acreditavam na presença de Pai Américo, pois, quando apareceu um desenho dele no palco, como uma mola, todos se levantaram. Fizeram como quando o Pai Américo se apresentava nesta cidade. Foi o momento culminante da festa. Terminou com o Pai Américo a falar e a dar-nos a

benção a todos. Como ele se devia estar a rir lá do Céu, ao ver-nos todos felizes nesta festa familiar. Como devia abençoar os nossos trabalhos. Guiar nossos passos pela via estreita.

Que felizes não estávamos todos. Pequenos, grandes, batatas. Eramos capazes de estar aqui sempre. Junto destes corações que pulsavam a compasso ao ver passar diante de si os que vieram da morte para a vida e a querem transmitir ao seu semelhante. Todos os números foram muito aplaudidos. Todos agradeceram. Era a festa da Família.

Até à próxima vez e assim nos procuraremos reunir mais vezes, para que o mesmo aconteça um dia no Paraíso. Isso é que era lindo. E nós vamos fazer por isso. No dia 22 de Maio era um pedaço de Céu. Um cenáculo com o mestre no meio dos discípulos. Não queremos terminar sem manifestar o nosso grande reco-



Palmas, jogo da sardinha, pedrinhas, risota, cantarol, camisas rotas, uma confusão de se lhe tirar o chapéu!...

nhecimento à Ex.ma Gerência, ao Senhor Rocha, Senhor Oliveira, enfim, a toda a gente do Coliseu que muito e muito trabalharam para que a nossa festa fosse um êxito. Não tinham mãos a medir. Sempre muito alegres, com boa cara para tudo.

Portanto, as nossas mais sinceras homenagens. Ocuparam um lugar meritório na tribuna do nosso coração.

Obrigado Porto. Obrigado senhores todos. E até à próxima, se Deus quiser.

Daniel

O que nos dão no Tojal

erês notas de vinte. Para sufragar entes queridos 200\$.

Os lamentos de falta de louça chegam a Sacavém. A fábrica manda-nos escolher e contar as peças precisas, de modo que actualmente estamos servidos.

No Lar caem duas notas de 500\$ em pagamento de promessas «para o que for mais preciso». Os empregados da Sociedade de Productos Lácteos cotizam-se com 254\$50 e 182\$. Este dar, anos seguidos sem qualquer coacção externa, é fruto, por certo, dum grande amor pelos rapazes da rua. Um senhor desobriga-se com 500\$ e entrega também 250\$ para o Calvário.

Sobrescrito silencioso com 100\$. Donativo anónimo com 250\$. Em sufrágio 70\$. Um juiz de Lisboa com 100\$. As assinaturas em Abril somam 500\$. No Campo Grande 50\$ e outro tanto na Graça.

No Montepio o armário enche-se de tijelas, camisolas, roupas variadas para nós e para o Calvário. Uma senhora em vésperas de internamento no hospital vai

Vem da página UM

ali depositar 30 contos para duas casas do Património dos Pobres. Não quis deixar aquela quantia em testamento. Renunciou alegremente em vida. É assim que se compra a Eternidade. Que vale legar aos herdeiros o encargo de repartir o que se não pode usufruir nem levar? Assim, sim. A lista de donativos de proveniências variadas oferece tema de meditação. «Com a devida autorização de meus pais peço licença para enviar Esc. 300\$, metade do meu primeiro ordenado. Só tenho pena de não poder ser mais». É uma rapariga quem subscreve. Mais «um primeiro ordenado de uma empregada, dois contos». Afinal ainda se não acabou a generosidade. Lições para o mundo de egoísmo em que vivemos! Por alma de meu marido, 250\$. O casal de Arroios subiu três vezes as escadas do Montepio com 100\$, 500\$ e 100\$. Tripeira apresenta-se com 60\$, outro tanto para Paço de Sousa e o dobro para o Calvário. H. F. com 50\$. Torna a mesma Luisa. Maria Helena com 100\$, Alice com metade, anónimo com dez vezes esta metade, e pequenos óbulos. As assinaturas totalizam 1.615\$.

Visitanje sem palavras depõe-nos nas mãos nota de cem. Outros 50\$ e 170\$. Os empregados da Mobil Oil Portuguesa levantam a voz com 3.084\$ e 1.490\$. Vejam os senhores como eles estimam os gaiatos. Dias, meses, anos decorrem e aqueles não se cansam de aparecer. Que constância!

No Lar canecas de plástico para o café dos batatas e cem com roupas para o Calvário.

De Linda-a-Velha alguém começou e profia em continuar com cem mensais. Mais tijelas com duas notas de cem. Professores e alunos do Liceu Pedro Nunes em visita amiga 500\$ num aperto de

mão. Advogado da capital deixa roupas, calçado e 90\$.

Em S. João de Deus 2.700\$ para o que fôr preciso, por mãos de gaiato.

Do Brasil 26 contos. Chegam visitantes. Ninguém se abstem de contribuir. Uns com cem, outros com o dobro, com metade, com mimos. A. Q. do Pinheiro de visita entrega talheres e copos. Para sufrágio 120\$. Sacerdote com 150\$.

Na Rua Almirante Barroso estava-nos reservado um monumental Telefunken. A malta quando o viu delirou, pensando que era realmente um aparelho de Televisão. Eu fiz uma pequena ideia do que seria se tal se realizasse.

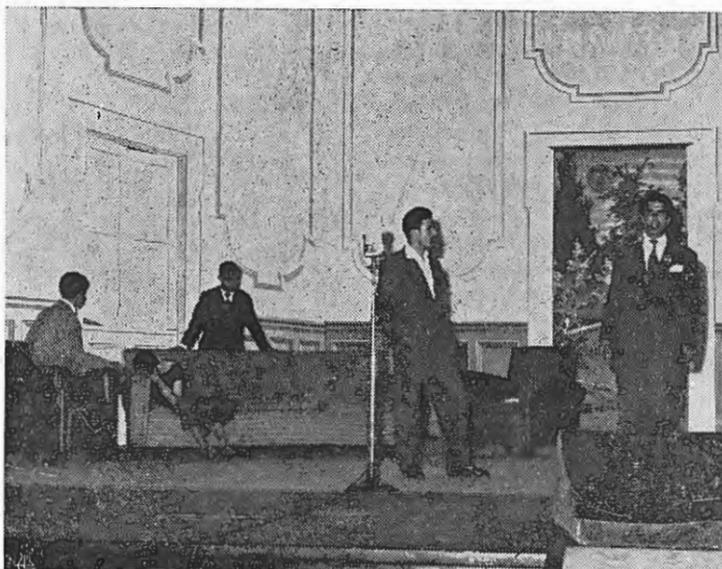
Andamos pelas igrejas. Nos Anjos colhemos 4.470\$, na Graça 2.360 e em Arroios 8.700\$.

Bendito seja Deus por todas as suas obras.

Padre Baptista

Chales de ORDINS

A gratidão é apanágio das almas bem formadas, que conhecem e praticam a humildade. Ora, entre os Pobres, como, aliás, entre as outras classes, há ingratos, não obstante benefícios sem conta, distribuídos a flux. Quantos sacrifícios temos de suportar para melhorar a sua situação! Queríamos, pois, vê-los reconhecidos. É a única paga que ambicionamos neste mundo. Não subservientes, calculados, fingidos, dominados pelo interesse ou medo, mas reconhecidos por espírito de justiça e também de amor para com os seus benfeitores. Não podemos esquecer quem nos fez bem. A gratidão não pode ser flor de pouca dura. E, se não so-



Grupo Cénico em acção. Uma cena de «O meu caso».

Cont. na página QUATRO

Do que nós

necessitamos

Mortos? Não. Esta coluna é de Vivos. De Vivos com letra maiúscula. É uma manifestação de vida. Da Vida que não conhece outro motor que não seja a Caridade. Bendito seja Deus por ser assim. Ora vejamos este testemunho: «Um que tudo o que faz se habituou a fazê-lo em nome de Deus». É lá de longe, da Parede. Aqui há matéria para doutrina. Pai Américo ao inserir no jornal esta coluna quis que fosse a tribuna dos leitores de «O Gaiato». A grandeza da Obra da Rua foi e é construída com pérolas deste quilate. As que mais brilho lhe dão. Que programa de acção mais grandioso? «Um que tudo o que faz se habituou a fazê-lo em nome de Deus». A esta luz as coisas mais banais da nossa vida adquirem valor eterno. Nunca o homem é tão grande como quando age em nome de Deus. Nunca o homem faz coisas tão grandes como quando em nome de Deus. Aquele esconde-se para que Deus apareça. As obras não são do homem mas de Deus. Pai Américo ao lançar os fundamentos da Obra da Rua lançou-os em Nome de Jesus. Ele o instrumento vivo. Atento. Mais nada. Amigo, não queira nem buscar outro programa de vida. «Deus tem-nos ajudado e por isso viemos de novo». Ó gratidão! Quem dá aos Pobres empresta a Deus, diz o nosso povo. São mil de Escalhão. Da Fábrica de Tecidos de Rui-vães vieram 6 cobertores com esta legenda: «Ofereço dos primeiros que fabriquei». Ó beleza! São as primícias. Pertencem a Deus. «Estou em vias de receber uma grande graça, a saúde de meu pai. Envio 100\$». É do Porto. Idem do Funchal «para o que necessitarem de momento». Cinco vezes mais deixado no Espelho da Moda de alguém que se esconde atrás de um nome que não o seu. Os «dois amargurados» voltam como de costume. Dnas vezes cem para nma viúva há tempos aqui falada e para ajudar uma mãe a alimentar o seu filho. Aquela «Carta» continua a aquecer os corações. A chama lava em Lisboa (500\$) e mais abaixo 100\$, Setúbal (1.000\$) passa pelo Porto (150\$) e um pouco ao lado 500 e não pára. Descansem que não tardará a grande realidade — uma casinha para aquele lar.

O entusiasmo não esmorece um momento sequer. O Porto caminha na vanguarda com 100\$ e outros cem. Segue-se-lhe Coimbra com 40\$ «em sufrágio do meu irmão Leren». Os nossos Pobres do Barredo são lembrados com os do Calvário — 150\$ de Lisboa e vários objectos no Espelho da Moda. É admirável a persistência dos que vivem os nossos problemas que deviam ser problemas de todos. Graças a Deus que vão sendo. A avó de Moscavide não falta com a sua presença junto dos seus netinhos. «Por alma de meus pais e mais pessoas de família — 100\$». Resultado de uma aposta — 40\$. A mesma quantia de Pinhel. «Depois de

um breve esquecimento remeto mais vinte». Encomendas de Abrantes.

As fábricas Aleluia têm-nos brindado com as suas ofertas. Os nossos agradecimentos. Mil em minhas mãos. O pessoal da Mobiloil ainda desta vez não faltou — 58\$50. A Casa do Gaiato à medida que o verão, a época dos passeios e excursões, vai chegando, torna-se um ponto de passagem necessário. Ei-los, aí vêm eles. Um grupo excursionista do Porto deixa ficar um pouco do seu suor — 137\$40. «Os triunfantes de Lordelo do Ouro» vieram em romagem. O grupo de futebol da Carvalhosa recolheu as suas migalhas e somaram 157\$. Outra excursão de Aveiro faz o mesmo e deixou 80\$. «Os Leais do Bonfim» também marcaram presença com 136\$90. De Gaia perguntam-nos se temos recebido 20\$ mensais para a Mãe dos 9 filhos. Temos sim. Da R. da Corticeira veio o do costume. Dêem lugar a Portugal no Ultramar. Luanda! «100\$ provenientes do meu primeiro ordenado». Beira! O dobro e palavras amigas. A cena do óbulo da viúva repete-se: «10\$ do primeiro or-

denado de meu filho». Os Pobres do Barredo voltam a ser lembrados com 50\$. Perguntam de Newark, U.S.A. se recebemos 120 dls. Recebemos sim. Tudo cá vem ter. Os 70 do costume. «Para que minha mãe seja feliz numa operação que vai sujeitar-se envio 100\$». Que Deus ouça a sua aflicção de filha. Em acção de graças — 20+10. «Os sempre unidos de Videirinhos de Pedrouços» vieram em romagem e deixaram 100\$. «Os tapadinhos do Porto» fizeram o mesmo e deixaram metade.

Deixem passar esta fila de gente — uns com 20, outros com 40\$, com 50, com 100\$ e sobretudo com muito carinho.

Mais grupos excursionistas. «Os pacatos do solar de Braga». Rapazes de Gaia. «Paz e sossego». Todos deixaram ficar o seu óbulo. Pode estar tranquila que recebemos os 930\$. Proveniente de um serviço médico — 75\$. Da Agência em Chaves da Comp. de Seguros Douro — 100\$. E sete vezes mais no Espelho da Moda. E um grupo de Amigos do Café Portuense deixaram ficar 600\$ no mesmo lugar. Uma toalha de altar confeccionada com muito carinho. O Brasil também veio — 200 cr.+200. Da «Queima das Fitas» 24.540\$. A terminar um relógio de senhora e três cortes de seda com esta legenda: «Restos de naufrágio que se podem transformar em boias salvadoras».

P.e Manuel António

Agora

do dou, e tristeza ao mesmo tempo por ser pouco».

É o «Lar de S. José» com mais 500\$ «em relação ao mês de Abril». É outro «Lar de S. José» — «Plano à mercê de Deus» com a 17.ª prestação de 100\$. Mais o António e o Fernando para a «Casa Annciação». Mais 100\$ de um jovem casal que começou a sua casa no dia grande do seu casamento. E o do plano decenal com 100\$. E a 2.ª prestação, de mil, «pela alma de nm José». E uma dona de casa que começa agora com 100\$ e faz a pergunta: «Será possível as donas de casa conseguirem umas que ficam em 2.700\$. E 1.000\$ economias, para fazermos uma casinha para o Património dos Pobres?» Pergunta o que ela mesma responde: «A Bondade infinita de Deus nos há-de ajudar». E assina-se: «Uma dona de casa que não tem saúde nem dinheiro, mas sente-se feliz com a divina graça do Senhor».

Onde casas mais lindas do que as do Património, com arquitec-tos destes?!

A «Casa Nossa Paz» principia agora com uma pedra de quatro contos neste ano de 58. «As prestações dos outros anos poderão ser maiores ou menores, segundo as nossas posses». Escreve o Pai por si, pela mulher e pela filha. Não se trata de gente rica. Mas tudo respira aquela delicadeza que só a Caridade conhece. Até o nome: «Casa Nossa Paz»!

E agora é uma professora da Beira que, «toda gratidão», man-

— Cont. da primeira página —
da os primeiros seis contos e

promete trazer o resto no próximo ano, quando vier à Metrópole. O melhor é ouvi-la:

«Quando há 4 anos vim para esta cidade da Beira, na ansia de preparar melhor o futuro dos filhos que tinha e dos que Deus se dignasse enviar-me, trazia na mente e no coração os filhos dos outros mais desprotegidos que eu. Prometi logo ao Senhor que o primeiro dinheiro ganho em África, na minha profissão — sou professora primária — seria enviado totalmente à Obra da Rua. Assim o fiz! Depois despertou em nós o sonho de todos os casais — ter uma casinha nossa! Não tínhamos dinheiro para isso. No entanto, a verba assustadora, dispendida mensalmente com o senhorio, deu-nos coragem para recorrermos ao empréstimo e comprarmos a casa em que vivemos. Ao retirar dos nossos vencimentos a quantia precisa para satisfazer os encargos assumidos, resolvemos pôr de lado mais algumas economias para proporcionarmos aos nossos irmãos em Cristo, a mesma alegria da posse duma casinha sua. E pensamos então na grandiosa obra do «Património dos Pobres».

No Montepio Geral, em Lisboa, a 3.ª prestação de uma Vilarealense e a 5.ª da «Casa do meu Zeca», respectivamente de 3.000\$ e 500\$.

Chales de Ordins

Cont. da página 3

mos materialistas, devemos ficar reconhecidos, tanto por uma palavra de elevação, dádiva de uma alma amiga, como por uma esmola material.

Counosco nasceu o orgulho, do qual provém a ingratidão. Ele desfoca-nos no panorama da obra de Deus. Cega-nos. Parece que a razão só a nós assiste. Queremos os pobres humildes e deparamos, por vezes, com poços de orgulho nas suas almas. A humildade não é nenhum complexo de inferioridade. Situa-nos no lugar que nos compete. Só nele nos achamos bem. Somos irmãos — mesmo quando mandamos — dos nossos irmãos, filhos todos do Pai do Céu.

Com tristeza tenho de dizer que os que mais beneficiei se me tornaram nos maiores ingratos. Segundo a sua visão deformada, benfeitor é aquele que faz o bem, mas sem nada exigir, mesmo que seja só para bem deles. Uma palavra de um amigo ou uma multa levantaram incêndios no ar. Um benefício sustraido por castigo trouxe rios de lágrimas, desesperos e desânimos, sendo motivo para se prescindir orgulhosamente doutros benefícios e se negar até os recebidos.

Custa muito sofrer ingratidões, mas, nem por isso devemos de-

sauimar no amor pelos mais necessitados. É a fome que fala pela sua boca, São dezenas de anos, gerações até, vivendo os problemas da miséria, sem ninguém que deles se aproximasse e os educasse. Fazê-lo, agora, é penetrar em densa floresta virgem. Será desbravada, sim, mas com tempo e paciência... e a graça de Deus. Por outro lado, pede a verdade se diga que, na recuperação dos Pobres mais ingratos muito se avançou. Já não parecem os mesmos. Eles, quando caem em si, penitenciam-se das suas ingratidões. Tenho-lhes visto lágrimas nos olhos. E não são só mulheres.

As ingratidões desempenham, ainda, um papel importante na santificação dos seus visitantes: aprendemos a trabalhar só por amor de Deus, sem motivos de ordem natural.

Deus misericordioso sabe dulcificar as nossas penas. No mar das amarguras em que me tenho debatido — e as maiores são as ingratidões dos Pobres — veio o Senhor amainar as ondas e os ventos. A Casa do Gaiato de Paço de Sousa veio dar uma carta que dizia: «incluso temos o gosto de enviar-lhes 12.000\$00 para a construção duma casa para Pobres, ou então para ajuda da Casa das Tecedeiras. Isso fica à inteira disposição de V. e conforme o toque que receber de Deus na altura de receber esta carta. No caso de ser casa para Pobres, desejava que tivesse o nome «Jesus Misericordioso, rogai por nós». Sr. Padre Carlos devolveu-me a carta com este despacho: «Meu Padre

Cheio de sorte, hein!
Conte com os 12 contos, logo que lhe sejam precisos, e desde que cumpra o título, que é bem significativo».

De facto, o título é bem expressivo para encimar a Casa das Tecedeiras.

E para, de vez, acabarem as amarguras o mesmo correio, em carta de Lisboa, anunciava: acaho de depositar na secretaria do Montepio Geral, quarenta libras que se destinam à Casa das Tecedeiras de Ordins — por alma do meu adorado marido».

Para o mesmo fim, Mira envia 10\$00 e uma vicentina da Madeira 200. Alguém depois nas minhas mãos 15\$00. E mais nada por hoje.

Padre Aires

Visado pela
Comissão de Censura

alheias, vivo muito aflitivamente.

No entanto, sufragando as almas de meus pais e de meus sogros e como o Património dos Pobres me merece todo o carinho, junto remeto 100\$ que, certamente, o bom Deus fará que não me façam falta.

Lamento não poder enviar o suficiente para a construção de uma casa, mas, infelizmente, esse meu sonho não terá, pelo menos de momento (isto quer dizer que não perdi a esperança...), a desejada realidade».